

NEOLIBERALISMO, TANATO-BIOPOLÍTICA E (TECNO)REGULAÇÃO DA VIDA NO FILME "VOCÊ NÃO ESTAVA AQUI" (2019)[1]

NEOLIBERALISM, THANATO-BIOPOLITICS AND (TECNO)REGULATION OF LIFE IN THE FILM "SORRY, WE MISSED YOU" (2019)

Santiago Pich[2] Lucas de Oliveira Carvalho[3]
Fabio Zoboli[4] George Saliba Manske[5]

RESUMO

Esse ensaio interpela o capitalismo contemporâneo e as condições atuais das formas de gestão da vida regidas pelo neoliberalismo através da obra fílmica "Você não estava aqui" (2019) do diretor Ken Loach. Tal análise foi feita a partir de temáticas como o capitalismo de plataforma, governamentalidade algorítmica, empresariamento de si e gestão das desigualdades e do sofrimento psíquico. O filme demostra a exploração e gestão de corpos e da vida pautada pelo dispositivo da vigilância tecnológica no capitalismo pós-industrial. Conclui-se que as condições de vida hoje se configuram como estratégias tanato-políticas que aniquilam a vida ao mesmo tempo em que esfacelam os laços sociais e coletivos.

Palavras-chaves: biopolítica, filme "Você não estava aqui" (2019). Neoliberalismo, tecnologia.

ABSTRACT

This essay questions the contemporary capitalism and the contemporary conditions of forms of life management governed by neoliberalism through the film work "Sorry, We missed you" (2019) directed by Ken Loach. This analysis was carried out based on themes such as platform capitalism, algorithmic governmentality, self-entrepreneurship and management of inequalities and psychological suffering. The film shows the exploitation and management of bodies and life guided by the technological surveillance device in post-industrial capitalism. It is concluded that living

[1] Recebido em 02/06/2026. Aprovado em 31/08/2026. DOI: doi.org/10.5281/zenodo.23919475
[2] Universidade Federal de Santa Catarina. santiago.pich@yahoo.com.br
[3] Universidade Federal de Sergipe. lucas.historiando@gmail.com
[4] Universidade Federal de Sergipe. zobolito@gmail.com
[5] Universidade do Vale do Itajaí. gsmanske@yahoo.com.br



conditions today are configured as thanato-political strategies that annihilate life while they shatter social and collective bonds.

Keywords: biopolitics, film “Sorry We Missed You” (2019), neoliberalism, technology.

INTRODUÇÃO

Ao olharmos para o cenário urbano contemporâneo, veremos que a presença de entregadores que trabalham com motocicletas, os motofretistas têm crescido exponencialmente. Eles percorrem as cidades de maneira acelerada, sempre correndo atrás da próxima entrega, premidos pelo tempo, e oprimidos pela pressão da produtividade. Assim, assumem atitudes que colocam em risco as suas vidas, deixando transparecer que a próxima corrida pode ser sempre a última. Outrora eram conhecidos como “motoboys”, entregadores de produtos, tinham uma relação formal de emprego com algum ou alguns estabelecimentos(s) comercial(ais), (mesmo que por vezes parte do soldo era pago “por fora”, via gorjetas).

Contudo, a partir da segunda década do século XX esse contingente tem mudado a sua relação com o mundo do trabalho, em virtude da ascensão do “trabalho por aplicativos”, ou do “capitalismo de plataformas” (Srnicek, 2018). Se datarmos esse processo, veremos que a empresa Uber iniciou as suas atividades no Brasil em 2014, entrando em operação em 2015. Viveu uma expansão exponencial, ao ponto de ter crescido de 5.000 motoristas cadastrados incialmente, para ter hoje mais de 1.000.000 “motoristas parceiros”, e ter presença em mais de 500 cidades brasileiras[6]. Ainda, de lá para cá a empresa expandiu seus serviços em diversas modalidades. Um tempo antes, em 2011, outra empresa de trabalho por plataformas, a *Ifood*, iniciou as suas operações, e é hoje a empresa líder em entrega de alimentos na América Latina, embora tenha presença exclusivamente no Brasil. Como relata Srnicek (2018), as empresas plataformizadas têm como uma das suas principais características operarem como mediadoras entre cliente e fornecedor. Enquanto a Uber realiza um “*link*” entre o “motorista parceiro” e o cliente/passageiro, a *Ifood* coloca em relação ao

[6] Fonte: https://www.uber.com/pt-br/newsroom/fatos-e-dados-sobre-uber/



cliente um estabelecimento comercial de alimentos, e um motoqueiro que faz a entrega.

Ao adentrar no *site* dessas empresas vemos que se encontra um forte apelo à ideia de empresariamento e empreendedorismo de si, que culmina num gerenciamento da própria existência. Ao fazer a busca pela empresa Uber, o buscador apresenta o seguinte enunciado: “Uber - Você é seu próprio chefe”, sinalizando claramente que a empresa não terá uma relação de dependência, mas que ao aderir ao trabalho pelo aplicativo, o indivíduo será alçado ao posto do próprio chefe, de gerente da própria vida. Ao visitar o *site* da empresa, o discurso do empresariamento de si se faz presente com força, através de outros enunciados, como: “Dirija quando quiser e ganhe de acordo com as suas necessidades”[7], reforçando a ideia de que quem define os tempos dedicados ao trabalho é o próprio gerente-trabalhador. Ainda, vemos a ideia de que a Uber opera com uma lógica de trabalho que se diferencia dos empregos tradicionais de carteira assinada e horário fixo. No *site* se lê: “Alguns empregos de motorista podem significar longos dias de trabalho e horários rígidos. Se você se tornar um motorista parceiro da Uber, você decide quando e com que frequência você dirige[8]”.

Por fim, importa assinalar, e como correlato do enunciado anterior, que também se apresenta uma promessa de ganhos rápidos em pouco tempo, ao se afirmar “Ganhe dinheiro rapidamente[9]”. Contudo, ao ler o breve texto abaixo do enunciado, que se encontra em letras menores, o que se promete é uma transferência imediata do valor gerado pela corrida realizada, uma transferência rápida do dinheiro. Entendemos que esse cenário se inscreve na lógica da produção do *homo economicus* neoliberal, que tem no imperativo do empresariamento de si, um elemento constitutivo, conforme a análise do neoliberalismo elaborada por Michel Foucault (2008). Ao universalizar a forma empresa o neoliberalismo produz um modo

[7] Fonte: https://www.uber.com/br/pt-br/drive/
[8] Fonte: https://www.uber.com/br/pt-br/drive/
[9] Fonte: https://www.uber.com/br/pt-br/drive/



de subjetivação e de governo, que implica na total econometrização da vida, e no governo pela lógica do mercado, entendido como a instituição central da organização social.

Um terceiro aspecto que consideramos relevante para a elaboração do nosso problema diz respeito ao crescente acometimento de acidentes de trabalho por parte de motoristas de entrega que trabalham por aplicativos ou por acidentes envolvendo motoristas que transportam passageiros. Certamente os motociclistas, “os entregadores de apps” como são popularmente conhecidos, são aqueles que se encontram em uma situação dramática, quando considerados os níveis de acidente e mortes ocasionados pelo trabalho. Conforme dados do Boletim Epidemiológico da Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente do Ministério da Saúde, entre 2011 e 2021 houve estabilidade no número de mortes de motociclistas por acidentes, contudo em um patamar extremamente elevado, acima das 11.000 mortes por ano, com uma taxa de 5,8 e 5,7 mortes por cada 100 mil habitantes, respectivamente[10]. Mas, o número de internações de motociclistas por acidentes de trânsito cresceu 55% nesse mesmo período, passando de 3,9 para 6,1 por cada 10 mil habitantes (Ministério da Saúde, 2023). Ao que tudo indica o cenário está longe de ser revertido, pelo contrário a situação dramática só tende a crescer.

O salto exponencial do uso das entregas por aplicativos durante a pandemia, nos leva a entender que essa seja a tendência. Segundo dados do Ministério da Saúde em 2023 foram mais de 1,2 milhões de internações por acidentes de trânsito envolvendo motociclistas, sendo que quase um terço, 259.552 só no Estado de São Paulo[11]. Possivelmente o número de acidentes seja subestimado, porque em boa medida os entregadores, diante de uma queda por acidente, caso não estejam impedidos de continuar, decidem seguir com a corrida porque “a entrega tem que ser realizada”. Essa “corrida para a morte”, como aqui provisoriamente a nomeamos,

[10] Como se fosse possível medir em décimos uma vida.
[11] Fonte: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/03/16/sp-minas-e-bahia-lideram-internacoes-por-acidente-de-moto-no-pais.ghtml



parece ser uma marca na nova lógica do trabalho que emerge em tempos contemporâneos, da uberização, com a sua constitutiva algoritmização do trabalho.

Entendemos, com Safatle (2021) e Dunker (2021), que o capitalismo neoliberal que tem no trabalho algoritmizado um elemento central, está orientado pela gestão do sofrimento psíquico, em um contexto no qual o que se trata não é equalizar as desigualdades sociais, mas, pelo contrário governar as desigualdades (Lazzarato, 2011). Estudos realizados com as plataformas e os trabalhadores que sobrevivem nessa lógica de trabalho demonstram como elas operam com base em processos parametrizados algoritmicamente, de prêmios e castigos, tanto para quem trabalha como para quem consome esses serviços, dos quais resultam subjetividades oprimidas e assujeitadas aos ditames das plataformas, e que se produzem na lógica do sofrimento psíquico, atribuindo tão somente a si mesmos o êxito ou o fracasso pelo resultado do trabalho e das suas escolhas (Coutinho, 2020; Abílio, 2020). Em suma, suspeitamos que o trabalho por aplicativo, se inscreve em um novo momento de uma ética do trabalho que transmuta o “viver para trabalhar”, de uma vida devotada ao trabalho, conforme analisado por Max Weber (2004) a partir do ascetismo intramundano puritano depois transmutado em espírito do capitalismo, para uma lógica do “mate-se para trabalhar”, uma vida sacrificial, vivendo sempre no limite da morte. Um momento no capitalismo no qual a sua face até então obscurecida, de ser uma formação social calcada no impulso de morte (Han, 2021), deixa de lado os seus pudores e mostra à plena luz.

A obra fílmica “Você não estava aqui” (2019), do diretor e cineasta britânico Ken Loach[12] em parceria com seu amigo e roteirista Paul Laverty, se insere no escopo das discussões sobre este contexto e acontecimentos contemporâneos, ao tecer

[12] Kenneth “Ken” Loach, nascido em 1936, em Warwickshire, na Inglaterra, é um cineasta e diretor que ficou bastante conhecido por, em boa parte da sua obra, tratar de temas referentes à classe operária e pelo forte teor crítico de seus filmes ao capitalismo, à realidade e às condições sociais inglesa. Esse teor da crítica aparece fortemente em filmes como “Eu Daniel Blake” (2016) e “Loach” (2019), filmes onde Loach retrata e aborda temas referentes às transformações contemporâneas de um capitalismo marcadamente pós-fordista e neoliberal.



fortes críticas às engrenagens maquínicas do neoliberalismo. É um filme que se adiciona a um lastro histórico de filmes[13] do diretor, que manifesta seu compromisso político com as causas sociais acirrando julgamentos às mazelas impostas aos trabalhadores pelo sistema capitalista. Estas críticas vêm alinhadas a uma forte denúncia da deterioração do Estado, como parte da engrenagem do desmonte da garantia do bem-estar social. Atrelado a isso, a diegese fílmica de "Você não estava aqui" (2019) demostra a exploração e gestão de corpos (e da vida, assim como, do tempo) pautada pelo dispositivo da vigilância tecnológica onipresente e imanente no capitalismo pós-industrial. Por esses motivos, entendemos que o debate referenciado no tripé: capitalismo de plataformas-governamentalidade algorítmica, empresariamento de si e gestão das desigualdades e do sofrimento psíquico, encontra no filme em questão um fértil terreno de debate.

NA ANTESSALA DO CINEMA: SITUANDO A OBRA

As câmeras do filme narram a vida do protagonista Ricky Turner (Kris Hitchen), um marido e pai de família, que trabalha 14 horas por dia, seis dias por semana, num negócio que ele tem a ilusão de também ser dele. Ricky é um trabalhador "autônomo franqueado" de uma empresa que realiza rotas de entregas para empresas plataformizadas. Ele tem seu trajeto – e de sua van – vigiados e monitorados por um artefato eletrônico, um *scaner* portátil, chamado de "a maquininha", que está conectado a uma plataforma digital algoritmizada, que controla o seu ritmo e avalia seu desempenho. O trabalho de Rick é gestado por seu empregador – ou suposto "sócio" – Maloney (Ross Brewster). Na película, Maloney é um personagem que mais parece um ventríloquo do modelo precarizado do trabalho pautado na ideia de empreendedorismo uberizado. Ele se apresenta como um sujeito durão que não admite fraquezas, ou um transparecer da fragilidade dos "humanos,

[13] Kes (1969); Vida em família (1971); O vigia (1980); Chuva de pedras (1993); Ladybird, Ladibird (1994); Uma canção para Carla (1996); Meu nome é Joe (1998); Pão e rosas (2000); Apenas um beijo (2003); McLibel (2005); Ventos da Liberdade (2006); Mundo livre (2007); A procura de Eric (2009); A parte dos anjos (2012); Eu, Daniel Blake (2016); dentre outros.



demasiado humanos". Esse aspecto se materializa na sua rigidez corporal. Tais fatos incorrem no contexto da exploração de si mediante a romantização do empreendedorismo de si, ou ainda, nas palavras de Han (2021, p. 33), "o neoliberalismo moldou o trabalhador oprimido em um empreendedor de si mesmo. Cada um é hoje um trabalhador auto explorado de seu próprio empreendimento. Cada um é senhor e escravo na mesma pessoa" (Han, 2021, p. 33)

A vida de Ricky é contracenada nas relações com seu núcleo familiar composto por sua esposa Abby e seus dois filhos: Liza e Seb. A esposa e mãe Abby (Debbie Honeywood) é uma funcionária *home care* (cuidadora domiciliar) de doentes e idosos. Sua rotina contracena com a "inércia" de seu corpo de trabalhadora frente ao sistema; com a de corpos inertes gastos pelo tempo ou corroídos pela doença, de seus clientes. De um ponto de ônibus a outro, Abby procura dar conta da sua extenuante rotina de trabalho, ao mesmo tempo em que cuida de seus filhos via mensagens de áudio de seu celular. A filha caçula de 11 anos, Liza Jane (Katie Proctor), é uma menina que atravessa o filme tentando encontrar o acolhimento de sua vida num lar conturbado e mediado por conflitos, ao mesmo tempo em que é caracterizado pelo esvaziamento da presença dos pais. Já Seb (Rhys Stone), o jovem rebelde de 16 anos, diferente de seus pais, parece ter compreendido a lógica mortífera sob a qual o sistema neoliberal opera. Ele é o contraponto que o diretor utiliza para questionar a realidade do "automatismo escravo" sob o qual a família opera. O personagem está ciente de que a tendência é que todos sejam descartados. O que nos aponta Ventura (2022, p. 114-115) é o que Sebastian já sabe: "E na realidade? Hoje nos resta escolher a data para o encontro com a catástrofe. Mas vejamos o lado positivo: a longo prazo estaremos todos mortos".

A sinopse do filme o apresenta da seguinte forma:

> A ação se passa em Newcastle, Inglaterra. O desempregado Ricky Turner aceita um posto de motorista-entregador em uma empresa de entregas de encomendas da chamada nova economia, sem qualquer vínculo empregatício, direitos trabalhistas ou outras garantias. O foco é a exploração do trabalho pela nova economia e suas consequências para a sociabilidade humana. (Loach, 2019).



O filme é um manifesto contra a precarização do trabalho, e, por consequência, da própria vida. “La explotación contemporánea no es separable de un sufrimiento físico y psíquico cada vez con mayor frecuencia suportada en el aislamiento, hasta en los casos límite de descompensasión en la locura o la depresión, de deceso por agotamiento y de suicídios” (Garcia, 2022, p. 148). Desta forma, o presente escrito tenta apresentar uma crítica à razão neoliberal da precarização do trabalho, via tensionamento das práticas biopolíticas de regulação da vida. Para discutir o problema do texto escolhemos centrar a análise na figura de Ricky, e não abordar os demais personagens porque entendemos que nele se materializa o processo que estamos aqui discutindo.

Cabe destaque que a utilização de uma obra fílmica para tensionamentos e reflexões acerca do mundo contemporâneo encontra ecos e subsídios em análises socioculturais críticas. Na medida em que um filme, assim como qualquer outra produção midiática, ancora-se nas possibilidades de produção cultural do mundo em que se insere (Hall, 2016), este é passível de problematização. Desse modo, uma obra fílmica é um artefato cultural que coloca em movimento práticas de representação de um conjunto de significados sobre algo, neste caso, do modo como a vida, os corpos e o tempo tornaram-se objetos de consumo e exploração do neoliberalismo contemporâneo e do capitalismo tardio. Assim, tomar o filme aqui aludido como artefato cultural permite estabelecer críticas e reflexões sobre a própria existência humana num determinado momento histórico-social, pois este é uma materialização artística sobre os aspectos simbólicos e epistemológicos em que estamos inseridos.

TRABALHO PRECARIZADO POR PLATAFORMAS E EMPRESARIAMENTO DE SI

A análise do neoliberalismo realizada por Michel Foucault (2008) no curso “O nascimento da biopolítica (1978/1979)”, mostra-se ainda relevante e atual, pelo menos nos seus aspectos centrais. O pensador francês mostra como a escola de Chicago, referência central do neoliberalismo norte-americano, empreende uma análise do



trabalho sob a ótica de quem trabalha. Diferencia-se da análise marxista e liberal que focavam a análise econômica nos processos produtivos. No caso do marxismo, considerava o capital como o valor econômico disponível do qual se espera auferir uma renda, a partir do seu investimento produtivo ou financeiro. Já o neoliberalismo passa a considerar as qualidades do trabalhador como um capital, o capital humano. A partir do adequado investimento do seu capital o trabalhador pode auferir uma renda, na forma de salário. Desse modo, “não é uma concepção de força de trabalho, é uma concepção de capital-competência, que recebe, em função de variáveis diversas, certa que renda que é um salário, uma renda-salário, de sorte que o próprio trabalhador aparece como uma espécie de empresa para si mesmo” (Foucault, 2008, p. 310).

Na contemporaneidade a forma empresa continua a se fazer presente, contudo, o salário não é mais a renda auferida, uma vez que na lógica do trabalho por metas dos trabalhadores considerados autônomos pelas empresas plataformizadas ou aquelas que emulam o seu funcionamento e operam como subsidiárias delas, não há mais relação empregatícia, mas uma prestação de serviços sem qualquer garantia ou direitos laborais. Sobre isso, Sibilia (2018) entende que:

> [...] a empresa foi se entronizando como uma espécie de inspiração exemplar que impregnaria todas as demais instituições. [...] Ao contagiá-las com seu onipresente “espírito empresarial”, as reformula fatalmente numa crescente compatibilização com os ritmos e as demandas da contemporaneidade (p. 209).

Nessa esteira, segundo Coutinho (2020) e Abílio (2020), as empresas socializam custos e riscos com os trabalhadores, que antigamente eram assumidos exclusivamente pelas empresas. Essa massa crescente de trabalhadores, diferentemente da análise empreendida por Foucault (2008), com base em Schulz e Becker, não mais precisa de investimentos para a sua formação, mas pelo contrário, passa por um brutal processo de formação da subjetividade no qual a violência exercida pelo Outro real e virtual é naturalizada, principalmente o *Big Other* virtual (Zuboff, 2018) mas também do sujeito contra si mesmo. A alocação de recursos para a formação do capital humano que era requerida outrora, adquire outras feições na



atualidade do trabalho por plataformas, uma vez que a hibridação do sujeito com as máquinas chega a tal ponto que o trabalhador é subsumido a um sobrevivente que precisa ser responsivo aos imperativos da lógica maquínica, não sendo mais necessário um elevado grau de formação intelectual para o desempenho laboral. Esses aspectos são revelados no início do filme.

O filme inicia sem imagens, ouve-se Ricky numa entrevista de emprego com o seu futuro empregador, Maloney. O candidato diz que inicialmente trabalhava na construção civil como pedreiro, mas que ao passar do tempo desempenhou uma outra série de funções e trabalhos, passando em seguida a enumerar alguns deles ao futuro chefe-parceiro (sic). Ricky diz então já ter feito de tudo, de vedar paredes e telhados a cavar covas. Mas, o que que chamou mesmo a atenção de Maloney foi quando percebeu que Ricky, se não completamente integrado, já estava predisposto a se enquadrar na nova pedagogia do mundo do trabalho neoliberal (Loach, 2019). Maloney teve essa percepção quando questionou Ricky sobre o recebimento de seguro-desemprego e obteve como resposta de pronto: “Não, não, não. Tenho meu orgulho. Prefiro passar fome” (Loach, 2019). Tal afirmação soa como música aos ouvidos de Maloney, que percebendo o caminho aberto passa instituir em Ricky toda uma nova gramática referente às relações e ao “novo” mundo do trabalho e dos empreendedores. A fala de Maloney é didática e cabe aqui destacar, diz ele:

> Só vamos esclarecer umas coisas desde o começo, sim? Você não é contratado aqui. Você “vem a bordo”. Dizemos que “você embarca”. Não trabalha para nós. Trabalha conosco. Você não dirige para nós. Você realiza serviços. Não há contratos de emprego. Não há metas. Você atende aos padrões. Não há salários, e sim honorários. Está claro? [...] Você não bate ponto. Fica disponível. Você assina conosco e se torna um motorista franqueado. Mestre do seu próprio destino, Ricky. Para separar os perdedores de merda dos guerreiros. Está disposto a isso?” Ricky consente: “- Sim. Estava esperando por uma oportunidade como essa... há muito tempo” (Loach, 2019).

Vemos já nessa primeira parte do filme alguns aspectos centrais para o debate que propomos. Um primeiro elemento é o destaque para a carência de formação acadêmica do trabalhador, afinal, Ricky não realiza nenhum trabalho que requeira formação escolar alguma, como, por exemplo, nas funções que ele desempenhou de



“pedreiro, encanador, marceneiro” (Loach, 2019). Ao declarar fazer de tudo, se dá acento a um fazer desprovido de um saber complexo que seja requerido para o desempenho da função. Em um momento posterior do filme esse aspecto vai ser acentuado, quando em um dia de entregas com a sua filha Liza, Ricky afirma que a inteligência que ela revela ter não foi uma herança do pai, assumindo a sua limitada formação intelectual.

Outro aspecto é o fato de ser um trabalhador que já antes carecia de relações empregatícias formais, ao ser um “biscate”, Ricky já demonstrava naturalizar a não necessidade de um vínculo formal de emprego. Um terceiro aspecto que consideramos central para o nosso debate é o fato de que ao declarar que ele (Ricky) nunca recebeu ajuda do Estado, porque tem “seu orgulho”, chega ao dono da empresa, Maloney, como “música para os ouvidos”. Isto é, qualquer relação com o Estado no sentido de proteção social é significada como uma falta moral, que desqualifica o trabalhador desse novo momento do capitalismo. É esse o componente moral que separa “os perdedores de merda dos guerreiros”. Nessa direção, Pinheiro-Machado (2021) assinala que a retórica bolsonarista chegou no estrato social dos precarizados do século XX, e sobrepuja o discurso lulo-petista por acertar no elemento da individualização das relações trabalhistas, que é acentuado no trabalho por aplicativo. Ela entende que:

> por mais que achemos insano, Bolsonaro — ao não fazer nada pela situação do emprego do país — fala para essas pessoas. Ao dizer que é tudo culpa do sistema e das leis trabalhistas, ele se reconecta com uma lógica atroz do vencedor individual, que só não vence porque tem muita lei atravancando o caminho (Pinheiro-Machado, 2021)[14].

Ao que tudo indica o mundo contemporâneo produz um discurso que constitui um tipo de subjetividade específica, na qual a ideia de indivíduo, daquele que deve enfrentar as agruras e avatares do mundo, sem qualquer ajuda, “sem mimimi” (Pinheiro-Machado, 2021) é basilar. Esse movimento de produção do trabalhador como empresário de si mesmo está em linha com uma econometrização da

[14] Fonte: https://brasil.elpais.com/opiniao/2021-06-21/o-que-lula-deu-e-bolsonaro-abocanhou.html



eugenesia. Os critérios para o melhoramento genético da espécie humana se pautam num neordawinismo social de caráter econométrico, no qual a intervenção na espécie se dá em nome de parâmetros tais como: “da eficácia econômica, do aumento da *performance*, da otimização da qualidade e da relação custo-benefício. (Sibilia, 2002, p. 151). Em suma, o critério de intervenção na vida das populações deve ser subsumido ao critério de rentabilidade econômica de tal intervenção.

MUNDO MAQUINOCÉNTRICO, HIBRIDAÇÃO HOMEM-MÁQUINA NO TRABALHO E GOVERNAMENTALIDADE ALGORÍTMICA

Pensar na lógica do capital na contemporaneidade nos leva a confrontar o problema da crescente maquinização e automação do trabalho, nas quais o indivíduo é incorporado. Na medida em que as técnicas de vigilância proliferam, se tornam cada vez mais sofisticadas, produzindo uma dependência de quem as usa. Assim, não é mais possível pensar em trabalhar fora da esfera da maquinaria e da “hibridação humano-biológico-artefato” (Benasyag, 2015, p. 19), uma vez que ela é uma realidade, um fato que se impõe a nós, e constitui, assim, uma marca do mundo do trabalho. As palavras de Lazzarato são eloquentes nessa direção: “O capital não é uma mera relação entre “pessoas”, nem é redutível a um relacionamento intersubjetivo [...]. Ele é uma relação de poder de fato, mas constituído por máquinas sociais e “assistido” por máquinas técnicas” (Lazzarato, 2014, p. 30). E posteriormente arremata:

> Dizer que a economia neoliberal é uma economia subjetiva não significa que ela promete uma nova “humanização” do sujeito alienado pelo capitalismo industrial, mas apenas que a subjetividade existe para a máquina e que os componentes subjetivos são funções de servidão (Lazzarato, 2014, p. 31).

Vejamos como esse problema se expressa no filme. No primeiro dia de trabalho Ricky estaciona a van no galpão de caixas de encomendas a ser entregues. Sua van está do lado de uma infinidade de outras. Quando ele vai passar o “crachá eletrônico” para dar entrada no trabalho, Ricky é apresentado à máquina que escaneia a mercadoria no ato da entrega. Pegando a maquininha na mão o chefe Maloney explica a Ricky como o aparelho funciona. Fica claro como a “maquininha” atua como



um instrumento de controle e de vigilância permanente das ações e do desempenho do trabalhador (Loach, 2019). Nesse sentido, há uma clara submissão de quem trabalha às obrigações de alimentar e executar com assertividade o que a máquina pede. Isso fica claro quando Maloney diz: “É brincadeira de criança. Está bem? Mas coloque isso na cabeça: precisão. São pacotes que devem ser entregues em horário preciso. Há uma janela de uma hora para fazer a entrega sem falta. Sem falta” (Loach, 2019). Podemos notar que não há margem para erros, as ações devem ser precisas e são de total responsabilidade individual de quem as executa.

Garcia (2022) menciona que a exploração neoliberal do trabalho está cada vez mais constituída por uma cadeia de máquinas (plataformas), de programas informáticos, e por consequência, estão vinculados com base de dados. Todas estas tecnologias de vigilância mobilizam a vida de modo integral ao trabalho, potencializando, assim, a exploração. Este modelo de vigilância em vez de fazer o trabalhador obediente, procura torná-lo dependente. Importa assinalar, ainda, que a relação com a máquina, ao subsumir o trabalhador na lógica maquínica, opera com um outro modo de produção sígnica, não mais mediado por palavras, mas por diagramas, bips, alertas visuais icônicos etc.

Desse modo, as modulações operadas no trabalhador são mais da ordem dos afetos e dos impulsos neurossensoriais do que cognitivos ou logocêntricos, como era o caso da lógica do trabalho no capitalismo liberal. Lazzarato (2014, p. 78) entende que “A força do capitalismo reside na exploração das máquinas e dos sistemas semióticos que conjugam funções de expressão e funções de conteúdo de todos os tipos, humanos e não humanos, microfísicos e cósmicos, materiais e incorpóreos”. A produção sígnica do mundo do trabalho por aplicativos se direciona a instâncias não reflexivas, que operam no horizonte do comportamentalismo digital (Zuboff, 2018), da governamentalidade algorítmica (Rouvroy & Berns; 2015) e da digitalização da vida pública (Celikates, 2024), operando produções de subjetividades.

Outro momento marcante do caráter maquínico do governo por algoritmos, acontece no dia em que Ricky leva a sua filha, Liza, para fazer as entregas com ele.



Ela se mostra curiosa e atenta ao dispositivo de controle das entregas, “a maquininha”, que chama a sua atenção. Vejamos: sentada na van, enquanto o pai dirige, Liza mexe na “máquina que controla o trabalho de entregas”. Ela começa a narrar as funções dela para o pai: “- Envia SMS, faz ligação, tira foto, digitaliza, assina, entra em contato com o cliente...”. (Loach, 2019). Ricky, em seguida, lembra que a máquina bipa o tempo todo, controlando suas ações até mesmo o tempo que pode ficar fora do carro. Além disso, mais uma vez aparece na fala de Rick a forma como os mecanismos de controle se impõem sobre ele, agora ele fala não da empresa, ou da máquina, mas dos próprios clientes que em tempo real podem rastreá-lo. (Loach, 2019).

A máquina de controle de entregas de Ricky, transparece que se trata simplesmente de um dispositivo tecnológico que pode ser sinônimo de comodidade e praticidade, um instrumento que facilita a burocracia de atividades cotidianas, como receber um produto comprado. “Nos movemos en una infraestructura de un dispositivo económico y técnico que se hace pasar como inmaterial” (Zilio, 2022, p. 20). Esta maquininha é um dispositivo tecnológico de vigilância, pois converte dados em uma base comum que registra a atividade de vários indivíduos. “Com o *Big Data* temos a possibilidade de observar a sociedade em toda sua complexidade, pelas milhares de conexões de trocas interpessoais” (Han, 2022, p. 67). Deste modo, o dispositivo maquínico utilizado por Ricky é o seu vigilante permanente. O trabalhador vigiado por estas tecnologias passa a ser um sujeito mediado por tecnologias de informação que o transforma e o duplica em forma de dados/códigos. Isso pode configurar um processo de governabilidade algorítmica na medida em que possibilita a vigilância imanente através das redes.

A governabilidade algorítmica “es la forma indefinidamente ajustada de una ‘administración electrônica’ de la vida” (Sadin, 2018, p. 138). “É um tipo de racionalidade (a)normativa ou (a)política que repousa sobre a coleta, agregação e análise automatizada de dados em quantidade massiva de modo a modelizar, antecipar e afetar, por antecipação, os comportamentos possíveis” (Rouvroy & Berns, 2015, p. 42). Desse modo, ao trabalhador, subsumido a uma extensão da máquina



algorítmica, lhe é retirada a possibilidade de qualquer movimento em direção à autonomia, e quando a procura, assim como uma peça de uma maquinaria, é substituído sem qualquer pesar.

Importa assinalar, ainda, que esse movimento não é realizado sem violência. Pelo contrário, na lógica da governamentalidade algorítmica e do trabalho plataformizado, a vida ao ser capturada, controlada e tutelada pelo algoritmo, opera com o horizonte do apagamento da possibilidade da emergência da alteridade, de uma dobra que resista ao assujeitamento produzido pela lógica maquínica. As palavras de Benasayag (2019) são eloquentes nessa direção:

> Su violencia no reside en un proyecto de dominación, sino más bien en el desarrollo de una pura potencia operacional que conduce a la desregulación y la dislocación de todas las formas de alteridad y de identidad singular, hasta la extinción del nivel biológico mismo (Benasayag, 2019, p.77)

A lógica da produção do indivíduo trabalhador nas duas frentes antes apresentadas nos leva a questionar o modo como no filme se apresentam as relações de trabalho, pautadas no empresariamento de si e na lógica maquínica e hibridizada que nele se materializa.

FRAGMENTAÇÃO INTRA-CLASSE E VIOLÊNCIA NO TRABALHO MAQUÍNICO

Um dos movimentos que leva à reorganização do mundo do trabalho na lógica plataformizada pautada no empresariamento de si mesmo, é a cisão entre os trabalhadores, como apontávamos no início do texto. Esse fato ganha dimensões novas quando vemos o modo de organização do neoliberalismo contemporâneo, que não se pauta mais na lógica do par “inclusão-exclusão”, mas no governo das desigualdades, isto é, se realiza “(...) o governo, definitivamente, menos por *divisão* do que por modulação das divisões, das diferenças” (Lazzarato, 2011, p. 27) portanto como uma “gestão diferencial do poder” (Lazzarato, 2011, p. 76). A desigualdade não é mais assumida como um problema a ser enfrentado, como era o caso ainda do liberalismo clássico, mas partindo de um modo de governo que faz proliferar e normalizar as desigualdades. No mundo atual as lógicas binárias capital-trabalho não



deixam de ter vigência, mas no modo como as subjetividades são agenciadas acabam se esvaindo e se deslocando, pela proliferação e gestão das diferenças, principalmente para contextos intraclasse. No entendimento de Lazzarato (2011, p. 77): “Produção de dualismos e gestão das diferenças se sobrepõem e se agenciam conforme as vontades das relações de forças, das estratégias e dos objetivos de uma situação política sempre específica”.

Em uma das cenas do filme, num dia quando os funcionários começam a chegar com as vans para carregar as encomendas, uma briga entre um motorista de van (entregador) com o chefe é mostrada. O funcionário chega caminhando próximo do chefe, que de imediato o interroga. O funcionário em vão tenta explicar o motivo do atraso, por ter tido o espelho retrovisor do carro arrancado. Enquanto o chefe irredutível o responsabiliza pelo atraso pede para que o funcionário encontre uma solução: arranjar um motorista substituto (Loach, 2019).

Vemos nessa cena que Maloney (o chefe) é aquele que encarna e naturaliza as relações violentas de trabalho desregulado que impera na contemporaneidade enquanto se encarrega de manter as vítimas dessa lógica de exploração sob pressão, alçando-as ao lugar de culpados pelos seus infortúnios. A vítima é culpabilizada e deve aceitar passivamente a violência que contra ela é exercida. Soma-se a isso o sentimento de descarte, de tornar-se subitamente uma peça fora do baralho, e a falta de qualquer alternativa que possa despressurizar a pressão da responsabilização individual. Na sequência da cena, acontece o óbvio: ao “motorista parceiro” lhe é retirada a rota que fazia, e nem todo o esforço que ele já tivera feito, foi capaz de evitar a sua punição, que escancara publicamente o seu fracasso. Em contrapartida, Rick assume as funções, enquanto Maloney diz: “Esse é o meu garoto” (Loach, 2019). Aparadas as arestas, a exploração e a barbárie seguem seu curso “normal”.

Na lógica do trabalho por plataformas as desigualdades são produzidas ao interior do conjunto dos trabalhadores, fazendo com que aqueles que respondem ao ideal daquele que faz entregas sem limites, e, com isso, se entrega a si mesmo sem limites, se constituam como o modelo de referência para ser premiado. Isto leva



Maloney a dizer a Ricky, quando este aceita a nova rota “Esse é o meu garoto”. Importa salientar que, antes, dois outros funcionários foram chamados primeiro para assumirem as funções do colega. O primeiro diz não precisar de mais dinheiro e o segundo, esgrime como motivo a sua relação familiar. A posição de ambos demonstra que pode ter se constituído fora da lógica da captura da premiação por mais trabalho.

Contudo, ninguém se levanta para defender o colega que está sendo afastado da sua rota tradicional, evidenciando já um movimento de individualização dos sujeitos, nos quais o que importa é o interesse próprio, e não a solidariedade com o outro que está sendo alvo do poder. Ao tratar o problema mediante um ritual público que exige uma resposta imediata, sem qualquer possibilidade de elaboração nem de mediação, os indivíduos que são superexplorados são levados a ver no outro um concorrente. Ao aceitar a rota que antes o outro operava, se produz uma relação de hostilidade entre os explorados, e aquele que a aceita é alçado ao posto do triunfador sobre o fracassado. No entanto, Ricky é aquele que recém inicia, e se encontra em uma condição de fragilidade. Aceita não sem enfrentar um dilema moral, e um conflito posterior com o seu colega que coloca a nu o modo como a diluição do laço social e a gestão das desigualdades são produzidas pelo trabalho por aplicativos. Isso é chamado por Lazzarato (2011) como a economia dos méritos e deméritos que produzem práticas e discursos que “[...] devem individualizar, controlar, regular, ordenar os comportamentos dos governados no trabalho, na formação, no desemprego, na saúde, no consumo, na comunicação etc.” (p. 85). Na lógica da meritocracia o indivíduo é situado como a última e única fronteira da sobrevivência, sem que possa esperar qualquer sinal de reconhecimento e solidariedade daquele que está ao seu lado. Produção de angústia sem fim.

O processo de corrosão do laço social instituído pelas novas lógicas de trabalho também alcança a vida privada, o âmbito familiar, chegando ao ponto de enfrentar o casal de protagonistas Ricky e Abby. Em um momento posterior do filme se apresenta uma cena de uma discussão do casal, por causa do não comparecimento do pai (Ricky) a uma reunião com o Diretor da escola, para tratar da



suspensão que fora aplicada a Seb. O motivo da falta (ou do atraso para sermos precisos) foi a necessidade de trabalhar. Ricky critica Abby por não ter solicitado na reunião que Seb pudesse cumprir a suspensão indo à escola. Chega a vez de Abby extravasar e externar toda a raiva e descontentamento enfrentado por conta do cansaço e das condições de trabalho que enfrentava. Todavia, esse desabafo, esse grito sufocado não é direcionado contra seus patrões, contra seu trabalho, contra aquilo que de fato estava levando Abby ao limite. Não, o alvo da crítica recai sobre Seb e Ricky, diz Abby: “Estou farta de vocês” (Loach, 2019). Sem conseguir elaborar que, para além do marido e do filho, era a forma como estava vivendo, eram as condições de vida corroídas pela crise, pelo trabalho precário e pela competição brutal que estava deixando-a realmente farta.

Depois de se queixar e colocar suas irritações para fora de modo veemente, a mãe se levanta da mesa e sai. Seb está ali sentado, calado e estático desde o começo. O pai está calado e perplexo com o desabafo da mãe. Ele se aproxima da mesa e ocupa a cadeira deixada por ela. Um instante de silêncio. Os dois não se olham. O pai então diz: “Sabe, foi a única vez que briguei com sua mãe, e foi por sua causa”. Seb retruca: “Claro, pai. É sempre culpa minha, não é? Sempre” (Loach, 2019). E mais uma vez, agora com Ricky, vemos a mesma inviabilidade de elaboração do real motivo de todo esse mal-estar.

Vemos que a lógica de trabalho leva aos indivíduos a estarem condicionados a não verem que é justamente aí que reside a impossibilidade de produzir laço. Quem é culpado da situação é a vítima do processo: Seb. A violência que funda o sistema de trabalho é canalizada para aquele, que em uma condição fragilizada, se assinala como o causador da violência.

Com o decorrer do filme, vemos que o comportamento violento também toma conta de Ricky no processo de trabalho. Ele é tratado pelos clientes de forma omissa, desrespeitosa e, por vezes, agressiva. Além do tratamento violento que funda a lógica de trabalho plataformizado, na qual ele se encontra. Esse modo de relação atravessado de lado a lado pela violência transparece no modo como ele trata um



cliente. Ao se negar a entregar o documento necessário para a liberação da encomenda e tentar tomá-la a força, o cliente é coagido por Rick, que beirando a agressão física exige a apresentação da documentação necessária para a finalização da entrega e só desta forma é atendido (Loach, 2019).

Esses diferentes momentos de violência são ocasionados por um modo de produção da subjetividade no trabalho que pressupõe a naturalização da violência como uma prática normalizada (no sentido foucaultiano). Vejamos o seguinte quadro do filme no qual esse problema fica explícito. Em um diálogo com Rick, Maloney diz:

> Todo mundo nesse local sabe que eu sou o “Babaca número 1”. Mas sou gravemente mal compreendido. Todas essas reclamações, a raiva, o ódio, eu absorvo tudo... e uso como combustível. E com essa energia, crio um escudo protetor ao redor desse depósito. Esse depósito tem os melhores números em desempenho do país. Sabe por que somos o número 1? (Loach, 2019).

Um instante de silêncio e o chefe pega a maquininha de controle de entregas nas mãos e mostrando para Ricky, diz:

> Porque eu mantenho isto feliz. Todas as casas que você visita... todos os rostos que você vê, todas as pessoas com que você fala... Alguém já te perguntou de verdade como você vai? Eles não dão a mínima se você dormir no volante e bater de frente com um ônibus. Tudo que importa para eles é o preço, a entrega e o produto na mão deles. E tudo isso é usado para alimentar esta máquina. E esta máquina está competindo com todas as outras maquinazinhas do país todo. É isso que decide os contratos. Que decide quem vive e quem morre. Quero Apple, Amazon, Samsung, Zara aqui, para os meus motoristas e suas famílias. Este lugar pode parecer um buraco, mas este depósito é uma mina de ouro. Os acionistas deveriam erguer uma estátua no estacionamento para mim, Maloney... “Santo Padroeiro dos Babacas”. Você quer um dia de folga? Vai te custar 100 libras (Loach, 2019).

Quando Maloney menciona que os consumidores não estão “nem aí” para os trabalhadores que entregam suas mercadorias ele está insinuando que no capitalismo “tudo é nivelado em consumo e gozo” (Han, 2021, p. 27). As pessoas passam, assim, a atuar como seres coisificados e que coisificam, adotando uma atitude passiva e desinteressada em relação aos outros – muitas vezes, até de si mesmos. O outro é visto sob a eficácia de seu rendimento (capacidade de entregar minha encomenda no dia e hora estipulados). Essa atitude calculada isenta todo compromisso emocional que possa ter pelo outro, coisificando as relações intersubjetivas.



A entrega como o momento “sacrossanto” do trabalho, pressupõe um indivíduo sacrificial inscrito na égide das relações sociais sem alteridade, e, portanto, centradas na lógica da violência que nega o outro. Maloney declara, sem meias tintas, que se alimenta do ódio e da raiva; são seus “combustíveis”. Violência, ódio e raiva impulsionam e são o alimento da pulsão do sistema. Outro aspecto que merece destaque é o termo para designar os seus motoristas: os “babacas”. Termo mais do que literal para designar aqueles que precisam ser agenciados como “idiotas úteis”, e que são produzidos como as vítimas do sistema oferecidas em sacrifício, para o acúmulo no mundo do capitalismo de plataformas. O último elemento do qual chamamos a atenção é que todo esse edifício do novo capitalismo plataformizado é situado por Malone como sendo “a maquininha”, o *scaner* portátil que é o coração de toda a vida da empresa. Ele diz que mantém ela “feliz”. Esse artefato é elevado à condição de fetiche, e assume o posto da nova divindade que produz a existência da empresa e dos indivíduos a ela relacionada. A felicidade da máquina pressupõe a violência, a infelicidade e a exploração da massa. Benasayag (2019) entende que

> La supuesta racionalidad económica y tecnológica, en tanto tal, lejos de funcionar en un más allá de los ritos y los mitos, ha logrado producir un mundo de creencias mucho más potente que el de cualquier cultura moderna o no moderna. […] Todas las reglas, todas las fronteras, todos los límites, todos los ritos y los ritmos son intercambiables. Desde nuestro punto de vista, esta desregulación prometeica descomunal se encuentra en el origen de gran parte del sufrimiento psíquico y físico de nuestros contemporáneos, tanto como de nuevas formas de violencia sin regulación alguna (Benasayag, 2019, p. 80)

ESGOTAMENTO DO CORPO E CULTURA DA MORTE

No seu primeiro dia de trabalho, o colega Henry lhe dá várias instruções e dicas de como trabalhar. No final ele entrega a Ricky uma garrafinha de água vazia e diz: “- Mais uma coisa. É a mais importante de todas. Vai precisar disso”. Sem entender, Ricky pergunta: “- Para que?”. Henry responde: “- Para mijar dentro”. Sem acreditar, Ricky joga a garrafinha vazia para dentro da van e exclama: - Está brincando comigo.” Se afastando Henry grita: “- Você verá” (Loach, 2019). Este preenchimento de todo tempo disponível, ou ainda, uma falta de tempo para tudo, inclusive para



aquilo que até então era tido como necessidades básicas e/ou direitos fundamentais, escoam das mãos do protagonista. Percebemos que “os processos de vida se transformam em procedimentos maquinais. A adaptação total da vida humana à funcionalidade do trabalho é já uma cultura de morte. O princípio do desempenho aproxima o ser humano da máquina e o aliena de si mesmo” (Han, 2021, p. 21).

Ricky chega um dia na sala de Maloney disposto a pedir uma semana de folga para resolver questões familiares. O empregado inicia o diálogo dizendo que está com problemas em casa, fala do filho que não vai à escola e anda cheio de ódio, da filha mais nova que tem tido problemas para dormir, da mulher. Ricky faz isso na tentativa de convencer seu chefe a o conceder uma semana de folga. O chefe retruca argumentando que Ricky não é o único a passar por problemas em casa e que isso não poderia ser um motivo para que ele lhe concedesse tal benefício (Loach, 2019). A resposta final é um rotundo não! Sem qualquer possibilidade de barganha. Ricky em silêncio se levanta da cadeira e sai. Desistiu dos dias de folga que precisava para cuidar de sua família. A vida humana deve ser sacrificada em nome da produtividade do capital. Orientamo-nos pela compreensão de Safatle (2021) no que diz respeito à gestão do sofrimento psíquico no capitalismo hodierno, que se realiza no trabalho extenuante referenciado em uma demanda infindável. Para ele no tempo presente:

> A proibição moral advinda das exigências normativas da socialização dá lugar a uma situação de flexibilização das leis, de gestão da anomia, o eu coloca as ações não mais sob o crivo da permissão social, mas sob o crivo individual do desempenho, da performance, da força relativa à capacidade de sustentar demandas de satisfação irrestritas (Safatle, 2021, p. 42).

Em uma das cenas do filme Ricky aparece dirigindo, está muito cansado, cochila ao volante. Ele percebe e retoma o controle, no entanto, outra vez ele cochila. Desta vez ele só percebe quando está próximo de uma obra na pista. Meia pista está interditada. Ricky precisa jogar a van na contramão e 2 carros precisam sair da pista para não colidir com a van. Ouve-se buzinas e xingamentos. Mais à frente Ricky para a van e se percebe exausto (Loach, 2019). Um dilema se instaura. A cena corta.

> O capitalismo é obcecado pela morte. O temor inconsciente da morte o impulsiona. Sua coação de acumulação e de crescimento desperta face à ameaça da morte. Elas criam não apenas catástrofes ecológicas, mas



> também mentais. A coação do desempenho é destrutiva, fazendo com que a autoafirmação e autodestruição seja uma coisa só. As pessoas se otimizam para morrer. Auto esgotamento indiscriminado leva a um colapso mental. (Han, 2021, p.19)

Fazendo um paralelo com o Brasil, vemos em recente trabalho realizado com motofretistas na cidade de Campinas, que aqueles que trabalham por aplicativos, ganham em média R$ 12,50 por hora trabalhada, mais de 40% deles trabalha mais de 60 horas por semana, sendo que 20% declaram trabalhar mais de 80 horas semanais. Mais de 50% não tem nenhum dia de descanso, trabalham sete dias na semana (Abilio & Santiago, 2024). Ainda, conforme assinalamos no início do texto, o índice de acidentes de trânsito no Brasil por motofretistas é assustadoramente alarmante. O assujeitamento total ao trabalho, que coloca cada vez mais em risco a vida dos indivíduos, parece indicar uma mudança na ética do trabalho. Se para Weber (2004), a ética protestante, que viria a se tornar o espírito do capitalismo, estava centrada na devoção ao trabalho, uma vida inteiramente tomada pelo trabalho austero, ascético e disciplinado, um “viver para trabalhar”, parece que essa lógica está sendo transmutada no mundo do trabalho contemporâneo por aplicativos em um “mate-se para trabalhar”, um modo sacrificial de trabalho que passa pela autoimolação.

Na parte final do filme se apresenta uma cena na qual Ricky estaciona para uma entrega e precisa urinar, porém não tem tempo e pega a garrafinha da qual ele havia zombado no início do filme, conforme assinalamos na cena no início deste tópico. Nesse ínterim ele é atacado e roubado por uns ladrões e brutalmente agredido, ao ponto de ter que ir ao hospital para fazer exames para averiguar a gravidade das lesões. Enquanto espera no hospital recebe uma ligação de Maloney, que inicialmente demonstra ser de preocupação pelo trabalhador, mas que, ao se desenrolar a conversa apresenta os prejuízos financeiros que deverão ser assumidos por Ricky: 100 libras do motorista substituto por dia, 500 libras por dois passaportes e mais 1.000 libras pela “maquininha” (Loach, 2019). Destacamos o modo como o dispositivo eletrônico é apresentado. Vejamos a cena:



> Maloney: Sinto muito, mas **o pior é a arma**.
> Ricky: - A arma? (questiona sem entender)
> Maloney: O *scaner* portátil.
> Ricky: Os idiotas a quebraram. Continue.
> Maloney: Sabe que custa 1.000 libras, certo? Podemos parcelar.
> Ricky: 1.000 libras? Espere que eu pague 1.000 libras? Está de brincadeira (Loach, 2019, grifo nosso).

No dia seguinte, após ser espancado pelos ladrões, Ricky acorda e prepara seu café. Com pouca mobilidade na mão, por conta dos ferimentos, ele coloca leite na xícara. Ele vai em direção à mesa mancando, senta-se na cadeira e pega um papel, ele escreve um bilhete para Abby: “Não fique brava. Abby, ficarei bem. Te amo”. Ricky então sai pela porta, ele está decidido a ir trabalhar. Meio coxo ele chega até a van, e a liga. Quando está por partir, Seb vem correndo em direção a ele. Parado em frente a van Seb tenta convencer o pai a não ir trabalhar: “- Você não pode ir assim, pai. Olhe seu estado. Você só tem um olho bom. **Vai se matar enquanto dirige**.” (Loach, 2019 – O negrito é nosso).

A discussão continua entre os dois. Abby e Liza aparecem na rua e fazem coro a Seb na tentativa de impedir que Ricky vá trabalhar. O pai retruca: “- Filho, preciso ir trabalhar. Não tenho escolha”. Ricky acelera a van a fim de avançar. E pede que o filho saia da lateral da porta. Abby se posiciona na frente da van do marido. Ela bate com as duas mãos no vidro da frente para que o marido não avance. A discussão entre os três fica tensa. Ricky engata a marcha ré, e de modo brusco arranca para trás. Os familiares gritam para ele ficar. A filha Liza acompanha tudo da porta de casa. O pai enfim consegue ir para o trabalho (Loach, 2019). A cena final do filme apresenta Ricky em estado de desespero dirigindo enlouquecidamente a van em direção ao trabalho, e, provavelmente, à morte. Parece haver um impulso de morte mais forte que o de vida, que tomou conta de Ricky, e em direção ao qual ele não pode senão acelerar. O amor não consegue parar a carreira para a morte, a carreira de morrer para trabalhar.

> El cuerpo en el trabajo siempre es de entrada un cuerpo “erógeno” – y no simplemente un cuerpo fisiológico que gasta energia –, que tiene el poder de ser afectado, de padecer y de gozar. Porque desdeña esa situación primordial del cuerpo en el trabajo, la racionalidad de los objetivos de producción no



> puede dejar de producir un sufrimiento patológeno, transformándose en el peor de los casos en compulsión masoquista a “matarse” por su trabajo. La supuesta “cultura” de empresa, muy prosaicamente focalizada en la extracción de plusvalor relativo, considera a los trabajadores como simples portadores de objetivo abstractos, cuyo rendimiento debe ser evaluado y aumentado individualmente y, en caso de necesidad, contra los otros. (Garcia, 2022, p. 149)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das categorias: capitalismo de plataformas-governamentalidade algorítmica, empresariamento de si e gestão das desigualdades e do sofrimento psíquico em diálogo com o filme “Você não esteve aqui”, buscamos fazer uma discussão que envolveu pensar os paradigmas e os impasses que envolvem nossas vidas na atualidade. Afinal, a vida de Ricky, Abby e sua família diz muito sobre a nossa vida, nosso tempo e sobre o capitalismo contemporâneo.

Chegando a esse momento final, algumas questões nos rondam. Gostaríamos de usar esse momento para trazer alguns apontamentos diante do que foi discutido até aqui não somente como forma de encerrar o debate. Mas, sim, buscando manter viva a chama da crítica para futuras intervenções. Levando em conta tudo que foi discutido, o primeiro apontamento que gostaríamos de fazer, talvez o mais central, diz respeito a relação entre a fase atual da produção capitalista, talvez um termo mais preciso fosse, destruição da pulsão de vida pelo capitalismo tardio, e as formas de gerir e de conduzir a vida humana.

Em outros períodos da história do capitalismo (especialmente entre os séculos XIX e XX), a vida humana transformada em força de trabalho foi fundamental ao processo de acumulação capitalista. E por isso mesmo precisava ser cuidada, gerida, conduzida, cultivada, como muito bem mostrou Foucault em seus estudos sobre o biopoder em que seus mecanismos disciplinares de condicionamento dos corpos levavam-nos a um nível ótimo de produção enquanto as formas de gestão biopolítica da vida das massas populacionais inseridas em determinados meios sociais (a sociedade civil é um desses meios), garantia não apenas a normalidade, mas a preservação e a reprodução da vida dentro de uma média considerada segura, vida e



reprodução da vida que se transformava também em produção e reprodução da força de trabalho.

Esse período se encerrou em meados dos anos 1970 com a crise do fordismo e o início do colapso do Estado de bem-estar social. Encerrou-se junto a isso a possibilidade de produção de formas de vidas de uma maneira “pacífica” no interior do sistema capitalista. Ainda nesse contexto, o advento da terceira revolução industrial é outro acontecimento que marca esse divórcio entre a vida e a necessidade de seu uso como força de trabalho dentro do sistema produtor de mercadorias. A terceira revolução industrial marca também uma inversão nessa relação dual dentro do sistema capitalista entre o maquinário (trabalho morto) e a força de trabalho (trabalho vivo), para usarmos aqui dois conceitos de Marx (2013) em suas análises sobre o funcionamento do sistema capitalista. Pois, com o avanço da ciência, da tecnologia e da automação dentro dos meios de produção é a força de trabalho que vai sendo dispensada do processo produtivo.

É importante trazer essas questões porque serão elas as condições de possibilidade para que a lógica empreendedora do neoliberalismo avance sobre as sociedades capitalistas. São essas as condições que permitem o asselvajamento da concorrência nas relações de trabalho, bem como a precarização e a superexploração. Pois, ao fim e a cabo, na fase atual de crise permanente do capitalismo, é a vida aquilo que se torna completamente dispensável. E por isso mesmo somos colocados de joelhos perante toda essa maquinaria de regulação e seleção algorítmica.

Mais do que o “como viver”, o que está em jogo hoje é a sobrevivência. Enquanto a pirâmide social desmorona, as pessoas com medo e em processo de “desclassamento”, para usar aqui um termo do Adorno (2020), tentam o tempo todo apenas sobreviver e provar que ainda podem fazer parte desse cada vez menor mundo dos incluídos. Nesse tempo histórico sem alternativas, nesse tempo de baixas expectativas, o que o neoliberalismo e seus dispositivos algorítmicos fazem na verdade é mais um tipo de seleção dos mais aptos e dos mais fortes do que um tipo



de gestão da vida em sua totalidade, dado que a força motriz de nosso tempo é a destruição e a barbárie. Em suma, o neoliberalismo e o seus aparatos de governamentalidade algorítmica executam o trabalho sujo do capitalismo.

Nessa fase do capital é como se fizéssemos um retorno à sua origem. É como se estivéssemos vivendo um novo período de acumulação primitiva, talvez fosse melhor dizer, de acumulação final. No lugar da exploração predatória dos territórios, dos povos, do ouro, da prata e de outras riquezas, somos nós, é o nosso corpo por completo, é a nossa interioridade e a nossa psique o último reduto de extração de valor. E como toda extração predatória, não há cuidado com a vida, não há cuidado sequer com a reprodução da força de trabalho, tudo está em vias de ser consumido até o fim, até a última gota de suor, até o último fio de vida. Não é essa a mensagem final do filme quando Ricky doente, cansado, machucado volta à sua van e segue para o trabalho?

O impasse de nosso tempo está às voltas com a impossibilidade de criar outros modos de vida possíveis e a dificuldade da sobrevivência em mundo mediado pelas categorias do capitalismo, caso visível a olhos vistos frente à crise da sociedade do trabalho, e gerido por uma razão neoliberal cujo objetivo último é a exploração final e definitiva. Nesse sentido, colocar em análise todas essas questões que envolvem a nossa vida hoje talvez seja um primeiro passo para que possamos criar condições ao menos de, diferente de Ricky, negar essa realidade, como, por exemplo, tentou fazer Sebastian (Seb).

Não estava claro para Sebastian qual deveria ser o caminho a seguir. Mas, ao observar a rotina de exploração das pessoas a sua volta, estava bem evidente qual rumo não deveria tomar. Desta forma, Seb já tinha compreendido que estudo, escola, a possibilidade de um bom emprego não poderia trazer de volta a bonança de outros tempos. Diante dessa constatação, assume a posição de negar as condições e a realidade em que vive. Talvez devêssemos seguir os passos de Sebastian, talvez esse possa ser um primeiro passo, um passo que nos dê a condição de possibilidade



para a desobstrução de um campo de experiência que possa resultar, quem sabe, na construção de outros modos de vida.

REFERÊNCIAS

ABÍLIO, Ludimila Costhek. Uberização: a era do trabalhador just-in-time? **Estudos Avançados,** *34*(98), 111–126, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3498.008 Acesso em: 16 nov. 2025.

ADORNO, Theodor. **Aspectos do novo radicalismo de direita.** São Paulo: Unesp, 2020.

BENASAYAG, Miguel. **El cerebro aumentado, el hombre disminuido***.* Buenos Aires: Paidós, 2015.

BENASAYAG, Miguel. **La singularidade de lo vivo.** Buenos Aires: Prometeo, 2019.

CELIKATES, Robin. Públicos Digitais, Contestação Digital: uma nova transformação estrutural da esfera pública? **Matrizes,** *18*(1), 55-74, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v18i1p55-74 Acesso em: 12 nov. 2025.

COUTINHO, Raianne Liberal. Uberização das relações de trabalho: uma abordagem transnacional a partir da interrelação entre Direito Público e Privado. **Revista Eletrônica do CEJUR,** *(2)*5, 5-27, 2020. Disponível em: http://dx.doi.org/10.5380/cejur.v2i5.77625 Acesso em: 14 out. 2025.

DUNKER, Christian. A hipótese depressiva. In: SAFATLE, Vladimir. et. al. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico.** Belo Horizonte: Autêntica, 2021. (p. 177-213).

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da biopolítica**: curso no Collège de France (1978-1979). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GARCIA, Renaud. **El sentido de los límites:** contra la abstracción capitalista. Androgué: La Cebra, 2022.

HALL, Stuart. **Cultura e representação.** PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HANG, Byung-Chul. **Capitalismo e impulso de morte:** ensaios e entrevistas. Trad. Gabriel Philipson. Petrópolis: Vozes, 2021.



HANG, Byung-Chul**. Infocracia:** digitalização e crise da democracia. Trad. Gabriel Philipson. Petrópolis: Vozes, 2022.

LAZZARATO, Maurizio. **O governo das desigualdades:** crítica da insegurança neoliberal. São Carlos: EdUFSCar, 2011.

LAZZARATO, Maurizio. **Signos, máquinas, subjetividades**. São Paulo: SESC/N-1, 2014.

MARX, Karl. **O capital:** crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2013.

LOACH, Ken. (Diretor). **Você não estava aqui.** [Filme]. Vitrine Filmes, 2019.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Boletim epidemiológico: cenário brasileiro das lesões de motociclistas no trânsito de 2011 a 2021**. Ano 2023. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2023/boletim-epidemiologico-volume-54-no-06/view Acesso em: 7 set. 2025.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. O que Lula deu e Bolsonaro abocanhou. **Jornal El País,** 2021. Disponível em: https://brasil.elpais.com/opiniao/2021-06-21/o-que-lula-deu-e-bolsonaro-bocanhou.html Acesso em: 11 set. 2025.

ROUVROY, Antoinette; BERNS, Thomas. Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação: o díspar como condição de individuação pela relação? **Revista Eco Pós** (18)2, 35-56, 2015.Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/2662 Acesso em: 7 set. 2025.

SADIN, Érik. **La humanidad aumentada:** la administrción digital del mundo. Buenos Aires: Caja negra, 2018.

SAFATLE, Vladimir. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e neoliberalismo como economia moral. In: SAFATLE, Vladimir. et al. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico.** Belo Horizonte: Autêntica editora, 2021. (p. 17-46).

SIBÍLIA, Paula. **O homem pós-orgânico:** corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Releme Dumará, 2002.

SIBILIA, Paula. Você é o que o Google diz que você é: a vida editável, entre controle e espetáculo. In: BRUNO, Fernanda *et al* (org.) **Tecnopolíticas da vigilância:** perspectivas da margem. São Paulo: Boitempo, 2018. (p. 199-216).



SLOTTERDIJK, Peter. El hombre operable. Notas sobre el estado ético de La tecnología gênica. In: **Revista Observaciones Filosóficas. Antropologia,** 2006. Disponível em: https://www.observacionesfilosoficas.net/download/hombreoperable.pdf Acesso em: 16 nov. 2025.

SRNICEK, Nick. **Capitalismo de plataformas.** Buenos Aires: Caja Negra, 2018.

VENTURA, Rafael Alberto. **Teoria da classe inadequada.** Campinas: Âniyé, 2022.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ZILIO, Marion. **El libro de las larvas:** cómo nos convertimos en nuestras presas. Buenos Aires: Cactus, 2022.

ZUBOFF, Shoshana. Big Other: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação. In: BRUNO, Fernanda *et al.* (org.) **Tecnopolíticas da vigilância:** perspectivas da margem. São Paulo: Boitempo, 2018. (p. 17-68).